

DECOLONIZANDO MENTES, SABERES E ENSINO: DIÁLOGOS E RESISTÊNCIA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

DECOLONIZING MINDS, KNOWLEDGE, AND EDUCATION: DIALOGUES AND RESISTANCE FOR TEACHING AND LEARNING

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e20290

César Alessandro Sagrillo Figueiredo¹

Betania Oliveira Barroso²

Mônica Assunção Mourão³

Resumo: Possuímos como objetivo principal deste dossier examinar as práxis de ensino-aprendizagem emergidas das literaturas com perfis e contornos decoloniais, as quais tentam irromper novas narrativas e diálogos. Mediante o exposto, este número é composto pelos seguintes eixos: 1) discussões teóricas que versem sobre o percurso do giro decolonial na literatura; 2) metodologias e práxis aplicadas no ensino-aprendizagem; 3) análise de resultados efetivados em sala de aula e 4) estudo acerca de autores e obras impregnadas de resistências culturais. Como resultado, compartilhamos uma fértil produção em que a literatura e o ensino se aliam como fonte para a emancipação de saberes.

Palavras-chave: Literaturas; Educação; Ensino-aprendizagem; Teoria Decolonial; Resistência Cultural.

Abstract: The main objective of this dossier is to examine the teaching-learning practices that have emerged from literatures with decolonial profiles and contours, which attempt to create new narratives and dialogues. Therefore, this issue is composed of the following sections: 1) theoretical discussions on the trajectory of the decolonial turn in literature; 2) methodologies and practices applied in teaching and learning; 3) analysis of results achieved in the classroom; and 4) a study of authors and works imbued with cultural resistance. As a result, we share a rich body of work in which literature and teaching are combined as a source for the emancipation of knowledge.

Keywords: Literatures; Education; Teaching-Learning; Decolonial Theory; Cultural Resistance.

¹ Doutor em Ciências Políticas e pós-doutor em literatura, docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT/UFNT) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: cesar.figueiredo@ufnt.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6011-9527>.

² Doutora em Educação e professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE/UFMA). E-mail: betania.barroso@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7644-8050>.

³ Doutora em Linguística e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPFLIT/UFNT), docente da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), atuando como docente nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia, bem como no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE/UEMASUL). E-mail: monicamourao@uemasul.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0318-9753>.

Apresentação

Ao longo do século XX, muitas discussões aprofundaram com vista a debater a nefasta herança colonial, sobretudo para os povos que sofreram o trauma do processo da Diáspora Africana e do genocídio da população ameríndia. Nesse gradiente e diálogos, estabeleceram-se conexões profícias para as reflexões que vieram dar origem aos Estudos Pós-coloniais e Estudos Subalternos, especialmente após os processos de emancipação política dos países do Sul Global, assim como das outrora colônias africanas e asiáticas. Dessa miríade de nações emancipadas do jugo do colonizador europeu, consequentemente, fomentou o nascedouro para as reivindicações no cenário recente e o aporte da epistemologia Decolonial latino-americana.

Ao discorrermos sobre o Pensamento Decolonial e suas matrizes, importa-nos retermos para compreensão da sua gênese, que as discussões já vinham fecundas de todo o arcabouço das resistências pretéritas na América Latina, sendo, portanto, os embates contemporâneos como estuário dessas resistências. Demarcamos como ponto de viragem desse percurso a constituição do Grupo Modernidade-Colonialidade (G-MC), institucionalizado no final dos anos 1990 sob a condução de pensadores como Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Katherine Walsh, entre outros, que se dispuseram a (re)pensar sobre o papel da América Latina, sua herança colonial e os traumas advindos desses processos, bem como sobre os caminhos que poderiam ser trilhados a partir desse novo despertar de consciências dos sujeitos emancipados.

Mediante esse delineamento, as discussões pautaram sobre a crítica dessa herança eurocêntrica e, especialmente, da imposição violenta de uma cultura hierarquizada e colonial para toda a população latina. De modo extremamente crítico, o G-MC enfatiza que a colonização não se deu apenas no plano simbólico, mas na dominação de saberes, de poderes e de mentes, logo, precisando ser burilada com vista à construção de novas consciências. A partir dessas conceituações presentes nos encontros iniciais do G-MC, por conseguinte, abriram-se caminhos para outras contribuições e ampliação do debate para diversas searas do conhecimento, por exemplo, sociologia, história, educação, literaturas, etc., ou seja, dando espaço de discussão para um amplo arco de saberes que possuem interesses consorciados de se constituírem de maneira robusta como fonte de resistência.

Portanto, com vista a dialogar com esse rico aporte teórico da Decolonialidade e Resistência, apresentamos este dossiê que integra a Revista EntreLetras, dentro dessa perspectiva plural e ampla, enfocando vários matizes e tendo como fio condutor a educação e as literaturas, numa tessitura fina com essa preciosa teoria enunciada. Para tanto, trouzemos um

conjunto de artigos dentro desse trama, palmilhando caminhos diversos em consonância com as literaturas, o ensino e a aprendizagem como foco principal dos colóquios e diálogos.

Exemplificando, destacamos o conjunto de textos que traçam o recorte preciso entre a fundamentação teórica e o ensino, com a mesma intencionalidade, apontando percursos para o exercício prático na sala de aula, melhor dito, sempre pautando a relação entre a teoria e realidade, como um elemento importantíssimo para a aplicação e a construção coletiva dos processos insurgentes. Importante esse destaque, haja vista os artigos pautam pela necessidade desse processo dialético e de reciprocidade entre as categorias conceituais e os sujeitos na aplicação das pesquisas, do ensino e tendo o produto docente como a síntese desse artesanato que é a aprendizagem.

Igualmente, realçamos os textos que trabalham dentro da dialogicidade com a literatura afrocentrada, dando as condicionantes históricas do seu nascedouro *pari passu* com os Estudos Pós-coloniais, fazendo as ligações necessárias e importantes com a reflexão acerca do Brasil que vivemos em pleno século XXI. Diante desse cenário, ainda em construção e permeado por muitas epistemologias, torna-se importante grifar, entre os textos, os estudos que refletem sobre uma educação antirracista e as elaborações prementes sobre esse tema, realçando as críticas sobre o Racismo Estrutural Brasileiro (Almeida, 2019) - considerações extremamente importantes para pensarmos a necessidade urgente de decolonizar mentes e culturas hediondas herdadas pela força do escravismo colonial.

Ainda buscando os caminhos da resistência, o dossiê traz artigos que discutem sobre a questão indígena e o seu apagamento intencional no cenário das letras, bem como a dificuldade de aquilar a valorização dos saberes tradicionais brasileiros: caminhos dificeis, mas não impossíveis, desde que haja uma educação, de fato, comprometida com a realidade e os seus povos originários. Também, ampliando a voz insurgente, salientamos entre os textos a literatura alinhada com a teoria Queer, buscando evidenciar as demandas da população LBTQIAPN+ em sintonia com a sua história e campo de luta visando potencializar, pontualmente, uma literatura engajada com vista a emancipação desse segmento populacional que busca o seu direito de (r)existir numa sociedade extremamente homofóbica.

Nesse cenário plural, percebemos que as discussões não se fecham, pelo contrário, se multiplicam como um rizoma, a exemplo do constructo de Deleuze e Gattari (1995), no qual os autores vislumbram um pensamento multicêntrico, não hierárquico e com uma estrutura arborescente que se espalha sem esgotar. Dessa forma, portanto, as teorias ao longo do dossiê vão se descortinando e ramificando, assim como as temáticas se ampliam e somam com

demandas já consagradas pela academia e literatura. Isso posto, temos as discussões das lutas das mulheres associada à questão da negritude, pontualmente com os escritos de Conceição Evaristo, estabelecendo as marcas dos saberes da ancestralidade que inter-relacionam cultura, resistência e força de um povo por meio do olhar generoso da consagrada autora.

Fechando a análise, mas sem esgotar a discussão, trazemos para junto desta apresentação o pensamento de Paulo Freire no livro *Pedagogia da Autonomia*, em que o nosso patrono da educação nos ensina o seguinte:

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 1996, p. 22).

Nesse sentido, Paulo Freire nos desafia a um outro nível do processo de ensinar e de aprender, tendo em vista que, em sua concepção, só há ensino se houver aprendizagem, e nessa relação dialógica entre professor e aluno ambos são sujeitos de saber, portanto produtores de conhecimento. Assim, o olhar, ação progressista e libertadora do docente, que quebra as amarras do tradicionalismo pedagógico, pode encontrar caminhos diversos de mudanças e transformações subjetivas e sociais, por meio de uma educação que visa a autonomia e emancipação humana.

Buscando, portanto, esse mapa plural entre searas diversas, como bem aponta Paulo Freire, este número composto por 15 artigos se dedica à construção de sujeitos emancipados, resistentes e potentes na discussão decolonial e antissistêmica, que refletam, sobretudo, sobre o seu lugar de sujeito no mundo e as suas possíveis contribuições para o ensino-aprendizagem. Concluindo, com o foco nessas discussões trilhadas e entrelaçadas como um rizoma que se multiplica, almejamos expandir esse frondoso arco de conhecimento dentro de um campo macro, que não se esgota, mas que se enraíza num ciclo virtuoso fomentado pelos ricos saberes, consequentemente, sendo potencializado sobremaneira de modo apaixonado e comprometido pela/com a práxis docente nos espaços da Educação.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

FREIRE Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*. São Paulo: Editora 34, 1995.

*Recebido em 30 de novembro de 2025.
Aceito em 30 de dezembro de 2025.*